

Clinton acredita no êxito das reformas brasileiras

Fernando Henrique Cardoso recebeu apoio também do presidente argentino, Carlos Menem, e da direção-geral do FMI

• WASHINGTON, NOVA YORK e BRASÍLIA. O presidente americano, Bill Clinton, disse ontem que os Estados Unidos têm forte interesse no sucesso das reformas econômicas brasileiras e que está acompanhando de perto o desenrolar da crise no país.

— Temos interesse em ver o Brasil implementar seu plano de reforma econômica com êxito, e acreditamos que terá — disse o presidente americano em pronunciamento na Casa Branca.

Clinton assegurou que os EUA estão trabalhando para manter a prosperidade da América Latina e que continuarão a fazê-lo. A região, segundo ele, é o mercado de mais rápido crescimento para produtos americanos.

— Esperamos que a situação se resolva satisfatoriamente, não só para o povo brasileiro, mas para todos os povos das Américas.

Ministros da Economia do G-7 discutem situação brasileira

O presidente americano afirmou que estava sendo informado sobre o Brasil e o comportamento dos mercados de todo o mundo pelo secretário do Tesouro americano, Robert Rubin.

— Estamos observando os acontecimentos muito de perto, especialmente o que está se passando no Brasil — disse Clinton. — Estamos em contato com o Governo brasileiro, o G-7 (que inclui Canadá, Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Inglaterra e Itália) e outros países importantes. Além disso já fizemos contato com o FMI — afirmou.

Um porta-voz do Ministério das Finanças da Alemanha informou que os ministros da Economia do G-7 discutiram ontem a atual situação brasileira.

— Estamos em permanente contato com nossos sócios do G-7, acompanhando os acontecimentos — afirmou Torsten Albig.

Além do apoio do presidente americano Bill Clinton, o presidente Fernando Henrique Cardoso recebeu ontem manifestações de apoio de várias autoridades e chefes de estado pelas novas medidas do esforço fiscal, entre elas, do presidente argentino, Carlos Menem, e do diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, com quem conversou por telefone pouco antes do pronunciamento que fez à nação.

Falando aos diretores do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Washington, o ministro da Economia argentino, Roque Fernández, pedindo aos



O SECRETÁRIO DO TESOURO americano, Robert Rubin, e o presidente Bill Clinton: informações constantes sobre a situação econômica brasileira e o comportamento dos mercados em todo o mundo

investidores estrangeiros paciência com o processo de aprovação do ajuste fiscal brasileiro.

— Os mercados têm que ter paciência, porque o rumo escolhido é o correto, e não esquecer que os consensos na democracia levam tempo — afirmou.

O presidente do BID, Enrique Iglesias, concordou com Fernández e destacou que a comunidade financeira internacional “está firmemente comprometida” com o programa de reformas brasileiro.

Em Nova York, a opinião dominante dos analistas era de que o Governo brasileiro desvalorizou o real porque não conseguiu resistir às pressões políticas e, com isso, sinalizou ao mercado que pode não ter força para aprovar o ajuste fiscal, reduzindo sua credibilidade externa. Apesar disso, a expectativa dos analistas é de que o clima de ontem desperte no país o senso de urgência e ajude a construir o consenso político necessário à aprovação das reformas. O vice-presidente para investimentos em países emergentes do Banco Goldman Sachs, Jor-

ge Mariscal, também discordou da decisão governamental:

— Isso tudo aconteceu de forma caótica, sem articulação com Washington, que deu suporte no apoio financeiro multilateral. Essas mudanças deveriam ter sido melhor preparadas.

Expectativa do mercado é sobre as metas acordadas com o FMI

Mariscal disse que os próximos dias serão decisivos, porque o mercado agora quer saber como fica o cumprimento das metas acertadas com o FMI e se o cronograma de desembolsos será mantido. Mais pessimista, o diretor de Investimentos em Mercados Emergentes da Merrill Lynch, Ed Cabrera, prevê que o Brasil terá que escolher entre “uma recesso de 2% a 3% ou uma contração de até 6%”. Tom Trebat, diretor de pesquisas e estratégias em países emergentes do Banco Salomon Brothers declarou-se favorável às mudanças:

— O fundamental agora é estancar a sangria das reservas. Mas isso não invalida o ajuste fis-

cal. Ele tem que vir já.

Michel Pettis, responsável na corretora Bear Sterns por investimentos na América Latina, defendia a desvalorização do real há tempos e disse que o Governo poderia ter feito mais:

— O dia de hoje (ontem) foi melhor para o Brasil do que os anteriores, quando o Bovespa caiu muito mais. É bom lembrar que a situação não é tão perigosa porque o nível de exposição dos investidores não está tão alto. Falta muito ainda, mas a situação não é tão dramática. Vai depender das corporações em operação no Brasil, que operam com dólar futuro.

No fim da tarde, o presidente Fernando Henrique e alguns assessores comemoraram a repressão no processo de saída de capitais e de quedas nas bolsas de valores. O Palácio também festejou a aprovação do pacote de medidas provisórias do esforço de ajuste fiscal, entre elas a da contribuição social sobre o lucro das empresas e do Imposto sobre Operações Financeiras. ■